

O enfoque heutagógico na educação profissional e técnica: estudo de caso

José Carlos de Medeiros¹
0009-0004-7721-6317

Paula Daniela da Silva Monciatti²
0000-0003-0317-1107

Roberto Kanaane³
0000-0002-4702-7740

Resumo

A Pedagogia, a Andragogia e a Heutagogia são três abordagens de ensino-aprendizagem baseadas em características e princípios distintos sobre como os alunos adquirem conhecimentos e como a aprendizagem pode ser implementada. As Instituições de Educação Profissional e Técnica, ao se apropriarem dessas abordagens, oferecem cursos técnicos profissionalizantes que visam preparar jovens e adultos para o mercado de trabalho. A abordagem pedagógica tradicional é centrada no professor, que assume o papel de autoridade e provedor de conhecimento, uma vez que as crianças e os jovens alunos têm experiência de vida em ascensão, havendo predisposição em agir em consonância com o estabelecido com o docente. Já a abordagem andragógica é centrada no aluno adulto, em suas necessidades e interesses, que tende a agir incentivado a assumir responsabilidade por sua aprendizagem. Quanto à abordagem heutagógica, foco deste estudo, os alunos assumem o controle, estão ativamente envolvidos na definição de seus próprios objetivos e alternativas de aprendizagem. O processo heutagógico de aprendizagem é visto como uma jornada ao longo da vida, e os alunos são incentivados a se adaptarem e a aprenderem ao longo dela. Este estudo pontual teve como objetivo investigar a visão, a compreensão e a aplicação dos princípios da Heutagogia por meio de uma investigação empírica junto aos discentes de dois cursos técnicos profissionalizantes de uma instituição de grande porte na Zona Oeste da cidade de São Paulo. Após as análises das respostas, foi possível identificar que os discentes, em sua maioria, não possuem compreensão sobre as abordagens de aprendizagem. Um posicionamento relevante e contraditório ressaltado em algumas questões refere-se ao fato de os discentes terem preferência por se autoavaliar, definir objetivos e até escolher o método de aprendizagem. Também preferem que o professor tenha o protagonismo na condução das aulas, sejam presenciais ou on-line. Essas posições acabam por conflitar-se, uma vez que o professor, na abordagem heutagógica, deixa o papel de protagonista, que passa a ser ocupado pelos discentes. No mundo atual em constante mudança, a escolha pela abordagem heutagógica pode ser adequada para os discentes, que precisam, cada vez mais, aprender de forma flexível e eficaz. Para tanto, faz-se necessário que as instituições, o grupo de gestão, o corpo docente e os discentes tenham maturidade e profundos conhecimentos sobre os fatores envolvidos, pois a abordagem heutagógica corresponde às tendências universais quanto à sua aplicabilidade.

¹ Mestrando em Desenvolvimento e Gestão da Educação Profissional no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS). Docente na E-mail: jose.medeiros@cpspos.sp.gov.br.

² Mestranda em Desenvolvimento e Gestão da Educação Profissional no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS). E-mail: paula.monciatti@cpspos.sp.gov.br.

³ Professor Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor e Orientador do Programada de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS). E-mail: roberto.kanaane@cpspos.sp.gov.br.

Palavras-chave: Pedagogia. Andragogia. Heutagogia. Aprendizagem. Educação Profissional e Técnica.

Abstract

Pedagogy, Andragogy and Heutagogy are three teaching-learning approaches based on distinct characteristics and principles about how students acquire knowledge and how learning can be implemented. Professional and Technical Education Institutions, by appropriating these approaches, offer professional technical courses aimed at preparing young people and adults for the job market. The traditional pedagogical approach is centered on the teacher, who assumes the role of authority and provider of knowledge, since children and young students have life experience on the rise, with a predisposition to act in line with what is established with the teacher. The andragogical approach is centered on the adult student, on their needs and interests, who tend to act encouraged to take responsibility for their learning. As for the heutagogic approach, the focus of this study, students take control, are actively involved in defining their own objectives and learning alternatives. The heutagogic learning process is seen as a lifelong journey, and students are encouraged to adapt and learn along the way. This specific study aimed to investigate the vision, understanding and application of the principles of Heutagogy through an empirical investigation with students of two professional technical courses at a large institution in the West Zone of the city of São Paulo. After analyzing the responses, it was possible to identify that the students, for the most part, do not understand the learning approaches. A relevant and contradictory position highlighted in some questions refers to the fact that students have a preference for self-assessment, defining objectives and even choosing the learning method. They also prefer that the teacher has the leading role in conducting classes, whether face-to-face or online. These positions end up conflicting, since the teacher, in the heutagogic approach, leaves the role of protagonist, which is now occupied by the students. In today's constantly changing world, choosing the heutagogic approach may be suitable for students, who increasingly need to learn flexibly and effectively. For that, it is necessary that the institutions, the management group, the faculty and the students have maturity and deep knowledge about the factors involved, since the heutagogic approach corresponds to the universal trends regarding its applicability.

Keywords: Pedagogy. Andragogy. Heutagogy. Learning. Professional and Technical Education.

1 Introdução

A experiência dos pesquisadores junto ao ensino profissional e técnico tem possibilitado a apreensão das práticas desenvolvidas em sala de aula junto aos discentes do respectivo ensino. Em linhas gerais, o discente centra o seu aprendizado nas disciplinas apresentadas preferencialmente por temas e aulas que busquem envolvê-los ativamente no processo de ensino e aprendizagem.

Tendo em vista as abordagens de aprendizagem vigentes no âmbito educacional, sinalizamos a presença dos enfoques pedagógico, andragógico e heutagógico. Considerando que a educação profissional e técnica concebe, além da exposição teórica, a execução de trabalhos e atividades práticas, cujo protagonismo se volta para a atuação discente, os pesquisadores, de posse de conhecimentos desenvolvidos na disciplina Tecnologias Aplicadas à Educação Profissional, apropriaram-se dos estilos de aprendizagem, havendo a identificação com a proposta heutagógica.

O termo Heutagogia é derivado do grego, em que *heuta* significa auto e *agogus*, guiar, ou seja, refere-se a um processo de aprendizagem autodirigida ou autodeterminada, no qual o estudante é o protagonista de seu aprendizado. Segundo Hase e Kenyon (2000), entende-se por Heutagogia o estudo da aprendizagem autodeterminada, que se constitui em uma experiência que visa

instigar concepções sobre ensino e aprendizagem focados no aluno e na perspectiva de compartilhamento.

Tendo em vista a temática do XVIII SIMPROFI: Inovação e sustentabilidade numa sociedade inteligente, questiona-se: qual a aplicabilidade da Heutagogia pelos alunos da educação profissional e técnica?

Quanto ao objetivo geral, formula-se: investigar a aplicabilidade da Heutagogia pelos alunos da educação profissional e técnica e caracterizar, sob a ótica do objetivo específico, os componentes presentes na abordagem heutagógica voltada à educação profissional e técnica.

2 Referencial Teórico

2.1 O ensino profissional e técnico

A Educação Profissional e Técnica (EPT) é oferecida por meio de uma rede de instituições, incluindo escolas públicas e privadas, institutos técnicos e centros de formação profissional. Essas instituições oferecem uma amplitude de programas e cursos que atendem aos diferentes setores da economia.

Esse modelo educacional desempenha um papel fundamental na preparação dos indivíduos para o mercado de trabalho e no atendimento da demanda do país por profissionais capacitados. O sistema é projetado para desenvolver habilidades e conhecimentos práticos que se alinham às necessidades das empresas e de ocupações específicas, além de mobilizar as competências interpessoais.

De acordo com Ramos, Frigoto e Ciavatta (2010), a educação profissional e técnica deve estar comprometida em mitigar as desigualdades sociais, visando o desenvolvimento, tendo como âncora a educação básica e a escola pública de qualidade.

Ainda para Simões (2007), a educação profissional e técnica articulada ao ensino médio, destinado aos jovens, representa a possibilidade de colaborar com a sobrevivência e a inserção social de seus egressos, mas também com o conhecimento, essencial para os jovens do ponto de vista do desenvolvimento pessoal e da atuação efetiva na realidade social da qual fazem parte.

Nesse sentido, a educação profissional e técnica, por vezes não reconhecida em sua abrangência, certamente pode contribuir para atender às demandas do país quanto à qualificação profissional. Investimento contínuo e melhorias no sistema de ensino são essenciais para enfrentar os desafios e garantir que esse modelo permaneça relevante e eficaz no mercado de trabalho, em constante mudança, e em uma sociedade em transformação.

No intuito de atender ao propósito deste estudo, buscou-se investigar os fatores envolvidos no estudo da Heutagogia, suas características e peculiaridades.

2.2 As abordagens pedagógica, andragógica e heutagógica

A Pedagogia envolve o estudo da educação e a prática do ensino. Ao longo da História, inúmeros autores e educadores contribuíram significativamente para o campo da Pedagogia com suas teorias e ideias.

No modelo de ensino-aprendizagem pedagógico, os professores são os responsáveis por decidir o quê, como e quando ocorre a aprendizagem. Essa ciência parte do pressuposto de que os discentes ainda não estão amadurecidos intelectual e emocionalmente o suficiente para se prepararem para a vida e tomarem boas decisões, havendo a postura diretiva do docente para com eles.

A abordagem pedagógica é um conjunto de princípios, conceitos e premissas que orientam a prática educativa, definindo as diretrizes do processo de ensino e aprendizagem e tendo como propósito o desenvolvimento integral dos alunos.

Jean Piaget, psicólogo e biólogo suíço (1896-1980), alerta para o fato de que a Pedagogia se baseia na ideia de que as crianças aprendem por meio da interação com o mundo ao seu redor. Ele defendia um ambiente de aprendizagem que fosse estimulante e ao mesmo tempo seguro (Viego, 2016).

Já Libâneo (2001) define a Pedagogia como “um campo de conhecimento sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa”. Em outras palavras, a Pedagogia trata do ato de educar e interessa-se pela prática educativa, que faz parte do cotidiano humano e da vida social do indivíduo. Em resumo, o autor declara que a Pedagogia, mediante conhecimentos científicos, filosóficos e técnico-profissionais, investiga a realidade educacional em transformação para explicitar objetivos e processos de intervenção metodológica e organizativa referentes à transmissão/assimilação de saberes e modos de ação.

Por sua vez, Araújo, Silva, Nascimento e Barbosa (2021) discorrem que na Pedagogia o educador é um mediador do conhecimento junto ao aluno, o qual é o sujeito de sua própria formação. Assim, esse educador precisa construir conhecimento a partir do que faz e, para isso, também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o fazer dos seus alunos. Consequentemente, a expectativa é que o docente desenvolva o potencial dos discentes, buscando alternativas que visem mobilizá-los diante do aprendizado.

Por outro lado, a Andragogia refere-se à teoria e à prática da educação de adultos. O termo foi divulgado por Malcolm Knowles (1913-1997), conhecido como o pai da vertente. A palavra vem do grego *andros*, que significa adulto, e *agogos*, que significa educar, ou seja, é a arte de ensinar jovens e adultos.

Knowles (1970), na primeira edição do seu livro *The Modern Practice of Adult Education: Andragogy versus Pedagogy*, define Andragogia como a arte e a ciência de ajudar adultos a aprender. Atualmente, ela apresenta-se como uma alternativa à Pedagogia, referindo-se à educação centrada no aluno de todas as idades. No modelo de educação de adultos, a responsabilidade pela aprendizagem é compartilhada entre professor e aluno, o que cria um vínculo entre essa abordagem e a maioria dos adultos que buscam independência e responsabilidade pelo que consideram importante aprender.

Rogers (2011) entende que uma das posturas mais eficientes de aprender é “confessar as próprias dúvidas, procurar esclarecer os próprios enigmas, com o propósito de compreender melhor o significado real da própria experiência”. Dessa maneira, o adulto apreende o mundo a partir de suas experiências e vivências, que gradativamente vão constituindo os seus conhecimentos.

De acordo com Araújo, Silva, Nascimento e Barbosa (2021), a Andragogia baseia-se em seis princípios fundamentais: necessidade, autoconhecimento, experiência, orientação, prontidão e motivação. O quadro número 1 apresenta uma breve descrição de cada um deles.

Quadro 1 – Princípios fundamentais da Andragogia

Princípios	Descrição
Necessidade de conhecer	Os alunos adultos sabem da sua necessidade de conhecimento, bem como de colocar em prática o conhecimento adquirido; assim, necessitam saber por que aprender algo.
Autoconhecimento do aluno	Os alunos adultos precisam entender como podem ser independentes e alunos ao mesmo tempo e, por serem responsáveis por si próprios, têm muitas dificuldades quando outros lhe dizem o que têm ou não que fazer.
O papel da experiência	Os alunos adultos têm uma bagagem muito maior e mais variada de experiências, que conseqüentemente se torna a base do seu aprendizado, mas também podem apresentar preconceitos e hábitos costumeiros que dificultam e interferem na sua aprendizagem.
Orientação para Aprendizagem	Os alunos adultos têm a orientação da aprendizagem focada na vida e nos problemas que vivenciam. As visões de futuro e tempo do adulto levam-no a favorecer a aprendizagem daquilo que possa ter aplicação imediata e centrada em áreas de conhecimentos já vistos.
Prontidão para aprender	Os alunos adultos têm prontidão para aprender as coisas que precisam saber a fim de ajudá-los a enfrentar o seu dia a dia, ou seja, esse aluno tem muito mais interesse em aprender assuntos relacionados às situações reais de sua vida.
Motivação	Os alunos adultos respondem melhor aos fatores motivacionais internos, como desejo de ter maior satisfação no trabalho, autoestima e qualidade de vida, do que aos externos, como melhores empregos, promoções e salários mais altos. A base é a própria vontade de crescimento do adulto (motivação interna) e não estímulos externos vindos de outras pessoas, como notas de professores, entre outros.

Fonte: Extraído e adaptado de Araújo, Silva, Nascimento e Barbosa (2021)

De maneira geral, a Andragogia e a Pedagogia apresentam diferenças significativas na maneira de abordar o discente, no ambiente de aprendizagem e na interação professor-alunos. Apresentamos no quadro número 2 algumas dessas diferenças.

Quadro 2 – Principais diferenças entre Andragogia e Pedagogia

Pedagogia (aprendizagem centrada no professor)	Andragogia (aprendizagem centrada no aluno)
Os aprendizes (alunos) são dependentes.	Os aprendizes (alunos) são independentes e autodirecionados.
Os aprendizes (alunos) são motivados de forma extrínseca (recompensas, competição etc.).	Os aprendizes (alunos) são motivados intrinsecamente (satisfação gerada pelo aprendizado).
A aprendizagem é caracterizada por técnicas de transmissão de conhecimento (aulas, leituras designadas).	A aprendizagem é caracterizada por projetos desafiantes, experimentação, estudos independentes.

O ambiente de aprendizagem é formal e caracterizado pela competitividade e por julgamentos de valor.	O ambiente de aprendizagem é mais informal e caracterizado por equidade, respeito mútuo e cooperação.
O planejamento e a avaliação são conduzidos pelo professor.	A aprendizagem deve ser baseada em experiências.
A avaliação é realizada basicamente por meio de métodos externos (notas, testes e provas).	As pessoas são centradas no desempenho em seus processos de aprendizagem.

Fonte: Extraído e adaptado de DeAquino (2007) e Jarvis (1985).

Percebe-se que a educação tem sido tradicionalmente encarada como uma relação pedagógica entre o professor e o aluno, na qual o professor decidiria o que os alunos precisariam saber, ou seja, como o conhecimento e as habilidades deveriam ser ensinados.

Por seu turno, a Heutagogia, aprendizagem autodeterminada proposta por Hase e Kenyon (2000), pode ser vista como uma continuação das metodologias anteriores, Pedagogia e Andragogia.

O termo heutigógica origina-se também de uma palavra grega, *heutegos*, que significa “aquele que encontra o seu próprio caminho”. Vale pontuar que é uma abordagem de aprendizagem relativamente nova em comparação com as anteriores. Ela enfatiza a aprendizagem autodeterminada e autodirigida.

Nas ideias de Hase e Kenyon (2000), os princípios da abordagem heutigógica são: - Autodireção: os alunos são responsáveis pelo seu próprio processo de aprendizagem; - Autonomia: os alunos têm a liberdade de escolher o que aprender, como aprender e quando aprender; - Flexibilidade: os alunos podem adaptar o seu processo de aprendizagem às suas próprias necessidades e preferências; - Reflexividade: os alunos são capazes de refletir sobre o seu próprio processo de aprendizagem, identificar os seus pontos fortes e fracos e fazer mudanças no seu processo de aprendizagem de acordo com as suas necessidades. Glassner e Back (2020) concordam com os autores:

Heutagogia é uma abordagem de ensino-aprendizagem na qual os alunos, facilitados por um mentor/professor, determinam sua própria aprendizagem. Eles decidem o quê, como, com quem, quando e em que ambiente aprender. Eles também escolhem como avaliar sua aprendizagem e como apresentar o conhecimento que aprenderam sobre o assunto e sobre si mesmos como aprendizes.

Segundo Hase e Kenyon (2000), o modelo heutigógico é o mais adequado para a aprendizagem no século XXI, uma vez que o mundo está em constante mudança e que os aprendizes (alunos) precisam ser capazes de aprender de forma rápida e eficaz.

2.3 O enfoque heutigógico: tendências e perspectivas

A Heutagogia (ou teoria da aprendizagem autodeterminada) foi introduzida por Stewart Hase e Chris Kenyon em 2000. Em sua primeira publicação sobre o tema, os autores descrevem-na como uma extensão da Andragogia (o estudo da aprendizagem de adultos).

Sendo assim, a Heutagogia é uma abordagem educacional centrada no aluno e enfatiza a aprendizagem autodirigida e autodeterminada. Em contraste com a Pedagogia tradicional (centrada no professor) e a Andragogia (centrada no

adulto), ela concebe o aluno no centro do processo de aprendizagem, incentivando a autonomia, o pensamento crítico e as habilidades de aprendizagem ao longo da vida.

Enquanto na perspectiva andragógica o aluno torna-se autogerido ao decidir como aprender o que o professor ou tutor lhe determinou, na Heutagogia o aluno pode decidir o que incluir em um currículo flexível.

De acordo com Fredric Litto, presidente da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED):

[...] já passamos pela Pedagogia, método que o professor determina o que e como aprender. Estamos tentando utilizar a Andragogia, teoria na qual é o professor quem determina o que, mas é o aluno quem determina como. Mas hoje, já temos de ingressar na Heutagogia, método pelo qual é o aprendiz quem fixa o que e como aprender. (Litto; Formiga, 2009).

Além disso, a abordagem é fundamentada em teorias e conceitos humanísticos e construtivistas alinhados com a neurociência. Nela, os alunos são definidos como o centro do processo de ensino e tornam-se sujeitos ativos de toda a experiência de aprendizagem, desde o planejamento e execução até a avaliação da aprendizagem (Hase, 2014).

Complementando esse enfoque, Brandt (2013) descreve a Heutagogia como uma educação empoderadora: “os estudos autodeterminados dos alunos levam a experiências transformadoras; isso beneficia os alunos individualmente e, em última instância, a sociedade”.

Hase (2014) ainda destaca que essa é uma abordagem de aprendizagem inovadora que tem o potencial de transformar a educação, pois permite que os discentes aprendam de maneira ativa e colaborativa.

2.4 A concepção heutagógica e suas características

O foco heutagógico está centrado na autonomia do aluno, na aprendizagem autodeterminada e no desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico. Estão envolvidos vários aspectos-chave que contribuem para sua implementação sistemática.

Dentre esses aspectos-chave, pode-se destacar o protagonismo do discente, em que alunos e alunas assumem a responsabilidade por sua própria aprendizagem. Os alunos são incentivados a identificar seus objetivos e projetar seus caminhos de aprendizagem e tomar decisões sobre o conteúdo e os recursos com os quais se envolvem. Eles participam ativamente do processo, apropriando-se de sua educação, conforme destacam Hase e Kenyon:

[...] Dentro da heutagogia, os alunos são encorajados a assumir a responsabilidade pelo projeto de aprendizagem e pelo caminho, enquanto os professores facilitam o aprendizado e encorajam a ação e a experiência do aluno em um ambiente de apoio e não ameaçador. (Hase; Kenyon, 2000)

Ainda segundo os autores, (Hase; Kenyon, 2000), a reflexão é um aspecto fundamental da Heutagogia. Os alunos são incentivados a se envolver em

pensamentos críticos sobre suas experiências de aprendizagem, resultados e processos. Isso implica analisar seu próprio pensamento, questionar suposições e avaliar a eficácia de suas estratégias de aprendizagem. A reflexão contribui para os alunos obterem *insights*, aprofundarem a compreensão e tomarem decisões sobre seu aprendizado.

Knowles (1970), o iniciador dos estudos sobre Andragogia e considerado um autor seminal, define a aprendizagem autodeterminada como

[...] o processo no qual os indivíduos tomam a iniciativa [...] no processo diagnóstico de suas necessidades de aprendizagem, na formulação de metas de aprendizagem, na identificação de recursos para a aprendizagem, na escolha e implementação de estratégias de aprendizagem e na avaliação da aprendizagem e dos resultados.

Apesar de a Andragogia e a Heutagogia basearem-se em visões construtivistas e humanistas, é na abordagem heutagógica que o papel do aluno torna-se definitivo, uma vez que o discente torna-se protagonista, capaz de identificar suas próprias necessidades e desenvolver seus planos e objetivos de aprendizagem.

Dessa forma, podemos entender que existe uma interface entre a abordagem heutagógica e a proposta humanista difundida pelo psicólogo americano Carl Rogers (1902-1987), visto que as duas dão ênfase na aprendizagem centrada no aluno e autodirigida. Ambas colocam um foco significativo na autonomia dos alunos, no crescimento pessoal e no envolvimento ativo no processo de aprendizagem.

Carl Rogers (1986) defende a ideia de que o papel do professor se compara ao do terapeuta, e o do aluno, ao do cliente. Segundo o psicólogo, a tarefa do professor é facilitar o aprendizado, cabendo ao aluno conduzi-lo ao seu modo:

[...] é através do contato que se educa e o professor deve atuar de forma a facilitar o processo de aprendizagem, sendo, portanto, um educador-facilitador, uma pessoa realmente presente para seus alunos. Dessa forma, o educador não deve primar por um modelo único de facilitar o aprendizado, mas ao contrário, precisa colocar os interesses dos alunos em primeiro lugar. (Rogers, 1986).

Nesse contexto, o aluno é encarado como “o principal agente em sua própria aprendizagem, que ocorre como resultado de experiências pessoais” (Hase; Kenyon, 2007)

De acordo com Hase (2014), o aluno e o professor atuam em parceria enquanto o aluno negocia o que vai aprender e como vai aprender, já que está no centro do processo de aprendizagem, ao invés do professor ou o do currículo. Como consequência, estes dois últimos necessitam ser flexíveis, possibilitando que o discente amplie seu aprendizado em distintos contextos.

Siemens (2005) também contribui para a discussão ao destacar que o enfoque heutagógico é o mais adequado para o aprendizado no século XXI, pois é flexível e adaptável. Por conta desse estilo, pode ser adequado a diferentes contextos e necessidades de aprendizagem. Além disso, é eficaz para pessoas que estão motivadas e que têm um alto nível de autodireção.

No entanto, a Heutagogia também tem algumas limitações. Garrison, Anderson e Archer (2003) argumentam que o enfoque heutagógico pode ser difícil para determinados alunos, em razão de exigir um alto nível de autodisciplina e motivação para definir seus próprios objetivos e identificar suas próprias necessidades de aprendizagem.

Dessa maneira, podemos entender que se trata de uma abordagem de aprendizagem que tem um amplo alcance, mas também possui algumas limitações, uma vez que nem todos os alunos possuem uma motivação intrínseca para aprender. É importante conhecer os discentes e estar ciente dessas restrições antes de adotar o enfoque heutagógico como única abordagem destinada aos alunos.

3 Método

3.1 Quanto ao método

O estudo que deu origem à presente discussão caracterizou-se por uma pesquisa exploratória, com enfoque “qualiquantitativo” (Sampieri; Collado; Lucio, 2013), tendo como finalidade investigar a compreensão dos discentes quanto à abordagem heutagógica.

Para tanto, utilizou-se do método descritivo e exploratório, que, segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013), é o uso de técnicas de coleta de dados que permitem aos pesquisadores obter informações detalhadas sobre o fenômeno estudado, possibilitando identificar padrões e tendências, além de análises dos dados captados, gerando inclusive hipóteses.

3.2 Quanto às técnicas

Adotou-se pesquisa bibliográfica documental, a partir de artigos científicos, livros e dissertações específicas à temática proposta. Elaborou-se também um questionário de levantamento de dados por meio de um *survey* destinado aos discentes, com 21 questões de múltipla escolha, utilizando-se da escala Likert⁴ de seis pontos.

3.3 Amostra

A amostra caracterizou-se por não probabilística (Vergara, 2016) por acessibilidade dos pesquisadores, tendo sido o questionário aplicado a 66 alunos do ensino profissional e técnico em Administração de Empresas (35) e Recursos Humanos (31), do período noturno, por meio de formulário eletrônico (Google Forms).

3.4 Sujeitos

⁴ A escala Likert ou escala de Likert é um tipo de escala de resposta psicométrica usada habitualmente em questionários e é mais adotada em pesquisas de opinião. Ao responderem a um questionário baseado nesta escala, os respondentes especificam seu nível de concordância com uma afirmação. Seu nome é devido à publicação de um relatório explicando seu uso feito por Rensis Likert, professor de Sociologia e Psicologia e diretor do Instituto de Pesquisas Sociais de Michigan/US/1949.

Os sujeitos da pesquisa foram 66 alunos dos cursos modulares em Técnico em Administração de Empresas e Técnico em Recursos Humanos, de uma unidade de ensino profissional e técnico, da Zona Oeste da cidade de São Paulo. A unidade pertence a uma instituição pública de grande porte do estado de São Paulo.

3.5 Sistemática de avaliação

Do ponto de vista da estatística descritiva, adotaram-se a frequência e a porcentagem das respostas.

Quanto ao enfoque qualitativo, buscou-se analisar as questões sob o prisma interpretativo, agrupando as respostas segundo temas emergentes das respectivas perguntas.

4 Resultados e discussão

Os questionários foram aplicados on-line, por meio da plataforma Google Forms, entre os dias 07 e 13 de junho de 2023.

Após a coleta de dados, tem-se a análise das informações, destacando-se que as faixas etárias dos alunos de ambos os cursos são análogas, prevalecendo os nascidos no período posterior ao ano 2000, ou seja, discentes com idades entre 18 e 23 anos. Os alunos do curso de Administração de Empresas somaram 48,6%, enquanto os alunos do curso de Recursos Humanos correspondem a 45,2% do total de respondentes. Constatou-se também que houve a predominância do gênero feminino em ambos os cursos, sendo 82,9% no de Administração de Empresas e 77,4% no de Recursos Humanos.

Identificou-se que a visão dos sujeitos sinalizou a presença de autonomia em sala de aula, tendo havido uma homogeneidade para ambos os cursos quanto a ela, ou seja, 91,5% para o curso de Administração de Empresas e 100% para o curso de Recursos Humanos. Essa constatação vai ao encontro de uma das premissas da abordagem heurística, que é, como visto anteriormente, a presença de autonomia dos discentes em sala de aula.

Investigou-se o nível de responsabilidade do discente diante de seu aprendizado, havendo posições semelhantes para ambos os cursos, ou seja, 94,3% para o de Administração de Empresas e 93,5% para o de Recursos Humanos. No tocante à motivação pessoal – quando o professor estimula o autoaprendizado – notam-se também resultados similares: 97,1% para o curso de Administração de Empresas e 100% para o de Recursos Humanos. As respostas para ambas as questões corroboram os princípios da abordagem heurística, que, de acordo com Hase e Kenyon (2000), está centrada na autorresponsabilidade e na automotivação dos discentes.

Um dado relevante deste estudo refere-se ao posicionamento dos sujeitos de pesquisa: quanto ao curso de Administração de Empresa, obteve-se o percentual de 54,3% favoráveis à posição do docente diante da escolha de conteúdos durante a disciplina, enquanto 64,5% das respostas dos estudantes de Recursos Humanos foram favoráveis à posição do professor em decidir sobre os conteúdos tratados em sala de aula. As respostas dos discentes de ambos os

cursos se opõem a um dos princípios da Heutagogia, que postula o protagonismo do aluno em relação ao papel do professor em sala de aula.

A pesquisa visou também investigar quanto os discentes se sentem confortáveis em se autoavaliar durante o curso: dentre os pertencentes ao de Administração de Empresas, 85,7% mostraram-se favoráveis à autoavaliação, ao passo que, dentre aqueles que cursam Recursos Humanos, 93,5% são favoráveis.

Percebe-se, dessa maneira, que as respostas dos discentes de ambos os cursos ratificam uma das premissas da abordagem heutagógica. De acordo com Hase (2014), os alunos são o centro do processo de ensino, sujeitos ativos da experiência de aprendizagem, desde o planejamento até a avaliação.

No intuito de identificar a posição dos sujeitos de pesquisa no tocante à autonomia para a aquisição de conhecimentos e aprendizado diante de recursos tecnológicos, situação que se mostrou evidente no período da pandemia da Covid 19, 85,7% dos alunos do curso de Administração de Empresas se mostraram contrários ao ensino a distância, argumentando que houve déficit no aprendizado, e 90,3% dos alunos de Recursos Humanos corroboraram a posição acima. Essas respostas evidenciam que o uso de aplicações tecnológicas para o estudo e o aprendizado e a ausência de contatos pessoais não facilitaram a aquisição de conhecimentos. Tal posição se opõe a um dos preceitos da abordagem heutagógica, para a qual a tecnologia desempenha um papel crucial na facilitação da aprendizagem. Conforme Hase e Kenyon (2000), os alunos são responsáveis pelo seu próprio processo de aprendizagem, são autônomos para escolher o que aprender, como aprender e quando aprender.

Ao serem indagados quanto à estimulação dos professores no intuito de mobilizá-los frente às contribuições individuais, constatou-se que 65,8% dos respondentes do curso de Administração de Empresas atestaram que houve essa disposição por parte dos docentes, frente a 96,8% dos alunos de Recursos Humanos. Esses números satisfazem a premissa da abordagem heutagógica, a qual versa que o protagonismo está centrado no aluno, como apontado por Hase e Kenyon (2000), contrariamente à abordagem andragógica (Knowles, 1970), em que a responsabilidade pela aprendizagem é compartilhada entre professor e aluno.

No que concerne ao autoaprendizado, constatou-se que houve similaridade de posições, ou seja, 85,7% dos alunos de Administração de Empresas e 87,1% dos de Recursos Humanos consideraram-no favorável. Uma vez mais, as respostas validam a posição de Hase e Kenyon (2000), pois o autoaprendizado, isto é, a identificação e a procura de conteúdos pelo próprio aluno é uma das premissas mais significativas da abordagem heutagógica.

Buscou-se investigar a disposição dos discentes diante do autoestudo, ou seja, perante consulta em livros e internet, constatando-se que 48,5% dos alunos do curso de Administração de Empresas e 67,8% dos de Recursos Humanos são favoráveis a ele. As respostas evidenciam que não há uma uniformidade entre os alunos. Conforme Hase (2014), na abordagem heutagógica, aluno e professor atuam em parceria, enquanto o aluno negocia o que vai aprender e como vai aprender.

Seguindo a tendência de utilização de metodologias ativas, foi proposta uma questão que buscou identificar se os alunos gostam de aprender através da resolução de problemas. As respostas obtidas foram semelhantes: 88,6% dentre aqueles que cursam Administração de Empresas e 87,1% dentre os de Recursos Humanos mostraram-se favoráveis. A partir desses números, podemos entender que os alunos de ambos os cursos estão familiarizados e possuem preferência em

aprender através da metodologia de resolução de problemas. Tais respostas corroboram a abordagem heutagógica, já que, para Siemens (2005), ela é flexível e adaptativa, adequada aos diferentes contextos e necessidades de aprendizagem.

Os alunos também foram indagados quanto ao protagonismo, à preferência por expor ideias e trabalhos através de apresentações. Dentre os favoráveis à prática estão 57,1% dos respondentes que cursam Administração de Empresas e 64,6% dos que cursam Recursos Humanos. Apesar de as porcentagens serem próximas, percebe-se que não há uma definição clara sobre este tipo de exposição, ou seja, sobre o aluno ser o protagonista em sala de aula. Vale lembrar que, segundo Brandt (2013), a abordagem heutagógica é empoderadora e os estudos autodeterminados dos alunos levam a experiências transformadoras.

Como forma de evidenciar um dos princípios da Heutagogia, investigou-se a preferência dos discentes quanto a estudar de forma independente, sem monitoração e orientação. Constatou-se que, no curso de Administração de Empresas, 80,1% não são favoráveis, enquanto que, no de Recursos Humanos, as respostas não favoráveis somaram 77,4%. Essas respostas são contrárias à abordagem heutagógica, dado que Glassner e Back (2020) destacam que nela os alunos decidem o quê, como, com quem, quando e em que ambiente aprender.

Outro dado relevante deste estudo refere-se à predileção dos sujeitos de pesquisa dos respectivos cursos investigados com relação à capacidade de se autoavaliar. 80% dos alunos do curso de Administração de Empresas são favoráveis, frente a 67,7% dentre os de Recursos Humanos. Mais uma vez, corroboram-se os princípios da abordagem heutagógica, no que concerne aos alunos serem o centro do método de ensino, tornando-se sujeitos ativos em todo o processo de aprendizagem, que inclui o planejamento, a execução e a autoavaliação, como pontua Hase (2014).

Por fim, a fim de evidenciar algumas questões essenciais para a compreensão do enfoque heutagógico, as próximas seis questões serão analisadas e comentadas utilizando-se de recursos gráficos para melhor visualização e entendimento das respostas dos alunos dos dois cursos que colaboraram com nossa pesquisa.

A questão referente à Figura 1 buscou identificar a visão dos alunos no tocante à preferência ou não pela exposição dos conteúdos da disciplina pelo professor. As respostas dos respondentes do curso de Administração de Empresas que são favoráveis ao protagonismo dos professores somaram 100%, enquanto, dentre os de Recursos Humanos, temos 96,8%, como pode ser visto abaixo.

Figura 1 – Questão: Prefiro as aulas em que o professor expõe o conteúdo da disciplina



Fonte: Autoria própria com base em dados de pesquisa (2023).

Percebe-se, assim, que a posição dos alunos de ambos os cursos é contrária aos princípios da Heutagogia, que são, de acordo com Hase & Kenyon (2000),

autodireção, autonomia, flexibilidade e reflexibilidade, tendo os alunos como responsáveis pelo aprendizado ao possuírem liberdade, adaptabilidade e serem capazes de refletir sobre seu próprio processo de aprendizagem. Neste estudo pontual, evidenciou-se que os alunos preferem a tradicional metodologia pedagógica (DeAquino, 2007), na qual o protagonismo recai sobre o professor, que conduz e determina os caminhos para a aquisição de conhecimento.

Em seguida, a proposta apresentada na Figura 2 teve a intenção de investigar se os alunos entendem que o ensino técnico profissionalizante requer a iniciativa e o protagonismo do aluno. Analisando os gráficos, percebe-se praticamente uma unanimidade nas respostas favoráveis em ambos os cursos: 97,2% no de Administração de Empresas e 100% no de Recursos Humanos.

Figura 2 – Questão: O ensino profissional e técnico requer que você tenha iniciativa nas atividades durante o curso



Fonte: Autoria própria com base em dados de pesquisa (2023).

Verifica-se, com isso, o atendimento ao princípio da abordagem heutagógica que discorre, conforme Hase & Kenyon (2000), a respeito de os alunos serem encorajados a assumir a responsabilidade pelo projeto de aprendizagem.

A unanimidade das respostas em ambos os cursos confirma que os alunos entendem serem protagonistas na iniciativa para a aquisição de conhecimento, mas, em contrapartida, conflita com as respostas apresentadas na Figura 1, na qual também pode ser vista uma unanimidade quanto aos alunos preferirem aulas em que o professor é o protagonista. Conclui-se, portanto, a partir desses dados evidenciados em ambas as figuras e neste estudo pontual, que os discentes não possuem conhecimentos claros sobre os princípios da abordagem heutagógica, em que o protagonismo passa a ser dos discentes e não mais dos professores.

A questão descrita na “Figura 3” teve o intuito de averiguar se, no período da pandemia da Covid 19, quando as aulas foram ministradas via on-line, houve facilitação no aprendizado. As respostas dos alunos do curso de Administração de Empresas desfavoráveis somaram 88,5%, enquanto que as dos de Recursos Humanos, 80,7%, apresentadas a seguir.

Figura 3 – Questão: Durante a Pandemia da Covid 19, as aulas ministradas via on-line facilitaram o seu aprendizado?



Fonte: Autoria própria com base em dados de pesquisa (2023).

A alta porcentagem de discordantes a respeito da facilitação de aprendizado em função das aulas on-line constata uma inconformidade com uma das principais premissas da abordagem heutagógica: o autoaprendizado e o estudo autodirigido. Essa inconformidade entre as respostas dos alunos e a abordagem heutagógica ressalta que, neste estudo pontual, os alunos preferem aulas ministradas na forma tradicional (abordagem pedagógica) (DeAquino, 2007), ou seja, presencialmente, opondo-se assim à Heutagogia, que estabelece o autoaprendizado, ancorado nos estudos individuais dos próprios alunos.

Com foco ainda nesse protagonismo, buscou-se identificar a preferência dos alunos quanto a estudar e adquirir conhecimentos sozinhos. 74,3% dos respondentes do curso de Administração de Empresas mostraram-se desfavoráveis a ela, e 67,7% dentre os de Recursos Humanos corroboraram essa opinião, o que pode ser conferido na Figura 4.

Figura 4 – Questão: Eu prefiro estudar e adquirir conhecimentos sozinho(a)



Fonte: Autoria própria com base em dados de pesquisa (2023).

As porcentagens desfavoráveis ao autoestudo confirmam que, neste estudo pontual, os alunos entendem que o protagonismo do professor é essencial para a aquisição de conhecimentos. Este dado conflita com a abordagem heutagógica, que estabelece os alunos como protagonistas do ensino autodirigido e autodeterminado, ressaltando que, segundo Hase e Kenyon (2000), ela define o aluno como autodirecionado, autônomo e flexível, capaz de refletir sobre seu processo de aprendizagem e identificar seus pontos fortes e fracos.

Ainda no aspecto de aquisição do conhecimento, buscou-se identificar a preferência dos discentes para tal por meio de aplicativos tecnológicos. As respostas dos alunos do curso de Administração de Empresas favoráveis a essa prática somaram 60,0%, e os de Recursos Humanos, 77,4%. Os dados são apresentados na Figura 5.

Figura 5 – Questão: Eu prefiro utilizar aplicativos (tecnologias) para adquirir conhecimento



Fonte: Autoria própria com base em dados de pesquisa (2023).

As respostas favoráveis pela preferência por adquirir conhecimentos por meio de aplicativos tecnológicos corroboram também o autoaprendizado. De acordo com Glassner e Back (2020), no século XXI, cada vez mais os conteúdos estão sendo disponibilizados mediante o uso de aplicativos eletrônicos, possibilitando o protagonismo do discente.

No entanto, percebe-se que as respostas apresentadas na Figura 5 conflitam com aquelas obtidas na questão da Figura 4, na qual os discentes de ambos os cursos responderam desfavoravelmente à preferência por estudarem sozinhos. Tal contradição pode indicar que, neste estudo pontual, os alunos não possuem uma nítida convicção sobre os princípios da Heutagogia, uma vez que, apesar de preferirem adquirir conhecimento com o auxílio de aplicativos tecnológicos, preferem não estudar sozinhos, mas com o acompanhamento e direcionamento de um professor.

Por fim, a questão descrita na Figura 6 visou captar a preferência dos alunos sobre a definição individual das metas e dos objetivos quanto ao método de aprendizagem. Foram obtidas 68,6% de respostas favoráveis dos alunos do curso de Administração de Empresas e 71% que concordaram com esse aspecto dentre os de Recursos Humanos.

Figura 6 – Questão: Eu prefiro definir minhas metas e objetivos quanto ao método de aprendizagem



Fonte: Autoria própria com base em dados de pesquisa (2023).

Como puderam ser verificadas, as respostas dos alunos de ambos os cursos foram favoráveis pela preferência em definir as metas e os objetivos individuais quanto ao método de aprendizagem e validam uma das premissas da abordagem heutagógica. Brant (2013) descreve a Heutagogia como uma educação que capacita os alunos: “Os estudos autodeterminados dos alunos levam a experiências transformadoras, isso beneficia os alunos individualmente, em última instância, a sociedade”.

Neste estudo pontual, embora as respostas dos alunos de ambos os cursos tenham sido favoráveis com relação à autonomia em definir o método de aprendizagem, elas conflitam com as respostas das questões expostas nas Figuras 2, 3 e 4, que versavam sobre a autoaprendizagem, o estudo on-line e o autoestudo. Ali, os alunos declinaram do protagonismo, ou seja, indicaram a preferência por não quererem estudar sozinhos, pelo estudo tradicional (presencial) em detrimento do on-line e elegeram os professores como protagonistas no processo de ensino-aprendizagem.

5 Considerações finais

A pesquisa teve como objetivo investigar qual a aplicabilidade da abordagem heutagógica para alunos da educação profissional e técnica e caracterizar os componentes presentes nesse modelo que estão voltados a esse público. Para tal, desenvolveu-se uma pesquisa em uma instituição pública de grande porte de ensino profissional e técnico com a participação de 66 discentes de dois cursos modulares, a saber Administração de Empresas e Recursos Humanos. A fundamentação teórica foi baseada em pesquisa documental em livros, artigos científicos e dissertações, buscando-se fundamentar os temas, a educação profissional e técnica, as abordagens pedagógica, andragógica e heutagógica, o enfoque heutagógico, suas tendências e perspectivas, e a concepção heutagógica e suas características no contexto de sala de aula, e, posteriormente, verificar sua aplicabilidade por meio de uma pesquisa on-line no molde de um *survey* para levantamento de dados.

Frente ao estudo realizado, observou-se que os discentes não possuem claros conhecimentos sobre as abordagens de ensino-aprendizagem. Isso pôde ser identificado em várias respostas da pesquisa, sendo que uma das mais evidentes é quando os discentes dizem preferir que os professores sejam os protagonistas na criação e na divulgação de conteúdos, uma das premissas da Pedagogia (DeAquino, 2007). Outro ponto que comprova o não conhecimento das abordagens de aprendizagem e, em especial, da Heutagogia, é o fato de os alunos não preferirem o autoestudo e a autoaprendizagem, também premissas da abordagem heutagógica (Hase; Kenyon, 2000).

As respostas das questões que trataram da facilitação do aprendizado por meio de aulas on-line (em função da pandemia da Covid 19) e o uso de tecnologias para aumento do conhecimento também tiveram posições opostas à abordagem heutagógica. Como dito, segundo Hase e Kenyon (2000), o modelo heutagógico é o modelo de aprendizagem mais compatível para o século XXI, pois o mundo está em constante mudança e os alunos devem ser capazes de aprender de forma rápida e eficiente.

Este estudo correspondeu a um recorte pontual, uma vez que se buscou investigar qual a aplicabilidade da abordagem heutagógica para alunos da educação profissional e técnica e caracterizar os componentes presentes nessa abordagem voltados à educação profissional e técnica no contexto da sala de aula. É importante ressaltar que estudos posteriores com ampliação da amostra certamente trarão contribuições para a compreensão da Heutagogia, seja para as instituições, para o corpo docente e para os discentes, além de ampliar a disseminação dos seus princípios, premissas e características ainda pouco difundidas no meio acadêmico.

Referências

ARAÚJO, I. L.; SILVA, F. C. L. da; NASCIMENTO, A. P. de M.; BARBOSA, K. M. **O pedagogo e os modelos educacionais: Pedagogia, Andragogia e Heutagogia.** *Criar Educação*, Criciúma, v. 10, n. 1, p. 279-301, jan./jul. 2021. Disponível em:

<https://www.periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/6697/5752>. Acesso em: 22 jul. 2023.

BRANDT, B. A., **A perspectiva do aluno**. Em S. Hase & C. Kenyon (Eds.), (99-116). Bloomsbury (2013).

COELHO, M. A.; DUTRA, L. R.; MARIELI, J. **Andragogia e Heutagogia: Práticas Emergentes na Educação**. Transformar, Itaperuna/RJ, n. 8, p. 97-107, 2016. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/87>. Acesso em: 15 jun. 2023.

DeAQUINO, C. T. E. **Como Aprender**. Andragogia e as habilidades de aprendizagem. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

GARRISON, D. R.; ANDERSON, T.; ARCHER, W. **A Theory of Critical Inquiry in Online Distance Education**. In: MOORE, M. G.; ANDERSON, W (ed.). **Handbook of distance education**. Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p. 79-86. Disponível em: https://creativity.a2hosted.com/masters/app/upload/users/3/3/my_files/3%CE%B7/holberg1993.pdf#page=139. Acesso em: 15 jun. 2023.

GLASSNER, A.; BACK, S. **Exploring Heutagogy in Higher Education**. Academia Meets the Zeitgeist. [S.l.]: Springer, 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-981-15-4144-5>. Acesso em: 17 jun. 2023.

Hase, S. **Skills for the learner and learning leader in the 21st century**. In L.M. Blaschke, C. Kenyon, & S. Hase (Eds.), Experiences in self-determined learning (pp. 99-110). 2014. Disponível em: <https://uol.de/coer/announcements/free-oer-now-available-experiences-in-self-determined-learning>. Acesso em 15 jun. 2023.

Hase, S. **Heutagogy: A child of complexity theory**.(p.p. 111-118). 2007. Disponível em : <https://edtechbooks.org/-UyaW>. Acesso em 15 jun. 2023.

HASE, S., KENYON, C; **Da andragogia à heutagogia**. Artigos Ultibase, 2000. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/301339522_From_andragogy_to_heutagogy. Acesso em: 17 jun. 2023.

JARVIS, P. **The Sociology of Adult and Continuing Education**. London: Croom Helm, 1985.

KNOWLES, S. M. **A prática moderna da educação de adultos: Andragogia versus Pedagogia**. Nova York: Associated Press, 1970.

LIBÂNIO, J, C. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001. (Educar n. 17).

LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. **Educação à distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

RAMOS, M.; FRIGOTO, G.; CIAVATTA, M. A gênese do decreto nº 5.154/2004. *In*: MOLL, J. (org.) **Educação Profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo**: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ROGERS, J. **Aprendizagem de Adultos**: fundamentos para Educação Corporativa. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ROGERS, C. **Liberdade de aprender em nossa década**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SIEMENS, G. A Learning Theory for the Digital Age. **Instructional Technology and Distance Education**, v. 2, n. 1, p. 3-10, Oct. 2005. Disponível em: <http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SIMÕES, C. A. **Juventude e Educação Técnica**: a experiência na formação de jovens trabalhadores da Escola Estadual Prof. Horácio Macedo/CEFET-RJ. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 16. ed. São Paulo: Grupo GEN, 2016.

VIEGO, C. L. **Jean Piaget y su influencia em la pedagogia**. Centro Universitario José Martí Pérez. Sancti-Spíritus. Cuba. 2016.